



A DISCURSIVIDADE EM SAUDOSA MALOCA SOB O PONTO DE VISTA DAS CATEGORIAS DE PESSOA, DE ESPAÇO E DE TEMPO

COSTELLA, Roberta¹

FORNARI, Tânia Aider Scarton²

Resumo

Este artigo propõe a análise da discursivização da música intitulada Saudosa Maloca, de Adoniram Barbosa, sob o ponto de vista das categorias de pessoa, de espaço e de tempo, tomando por base o referencial teórico-metodológico da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste. Comprova-se que os sentidos são construídos pelo sujeito no discurso, através da língua, e que a discursivização das categorias enunciativas produz efeitos de sentido, permitindo a conversão da língua em discurso, pois ao usar a língua o sujeito sempre instaura novos sentidos.

Palavras-chave: Enunciação. Categorias Enunciativas. Discursivização.

Introdução

Ao estudar o pensamento do linguista Émile Benveniste sobre a concepção a respeito de língua e linguagem, percebe-se que a mesma é entendida como lugar e fundamento da subjetividade. E esta, por sua vez, só é percebida e tem valor numa relação intersubjetiva, de diálogo. Os sentidos são construídos no discurso, através da língua, pelo sujeito.

Se o processo de ensino-aprendizagem deve ser entendido como social, interativo e construído por um *eu* e um *tu*, numa relação edificada socialmente, acredita-se que a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, caracterizada como a

¹ Mestre em Linguística pela UPF e Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa pela URI. Professora do Colégio Tiradentes e do Colégio Notre Dame em Passo Fundo – RS. Professora de Metodologia da Pesquisa no Ceom – Centro de Estudos Odontológicos Meridional – Passo Fundo – RS. betinhacost@yahoo.com.br

² Mestre em Linguística pela UPF. Coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Passo Fundo e Assessora pedagógica dos cursos de formação para professores dos Anos Iniciais da rede municipal de Passo Fundo - RS. tanciasfornari@yahoo.com.br



teoria da subjetividade na linguagem, pode contribuir significativamente para se pensar a língua em funcionamento, a língua viva.

Em consonância com a importância do que foi afirmado anteriormente, o estudo em questão se insere na Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, propondo-se definir as categorias de pessoa, espaço e tempo, no texto *Saudosa maloca*, de Adoniram Barbosa. De acordo com esta teoria, a enunciação define-se como a instância de um *eu – aqui – agora*: o sujeito da enunciação é sempre um *eu*, que opera, ao realizar a produção discursiva, no espaço *aqui* e no tempo *agora*.

A justificativa para esta pesquisa encontra-se na necessidade de se explicar linguisticamente como o leitor resgata o sentido a partir da enunciação, pois o uso da língua é sempre instaurador de sentidos novos.

Para a presente análise, enfatizam-se alguns eixos temáticos da obra de Benveniste, como “Estrutura das relações de pessoa no verbo” (1946), “A natureza dos pronomes” (1956), “Da subjetividade na linguagem” (1958), “Os níveis de análise lingüística” (1964) e “O aparelho formal da enunciação” (1970). Também se utiliza, como base teórica fundamental, o livro “As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo” (2008), de José Luiz Fiorin.

Inicialmente, apresentam-se conceitos da Teoria da Enunciação necessários para esse estudo. Em seguida, analisa-se o texto escolhido e fazem-se algumas considerações sobre os resultados obtidos.

A Enunciação

A enunciação é o ato de produção do enunciado. Segundo Benveniste, “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.” (2006, p. 82). Na enunciação, um enunciador faz escolhas, deixando marcas, produzindo efeitos de sentido, que revelam seus propósitos para persuadir um enunciatário, com o qual se comunica.

Essas marcas remetem à instância em que o enunciado é posto, inscrevendo o sujeito da enunciação. Dessa forma, o enunciado apresenta elementos que remetem ao momento da enunciação: pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, adjetivos, advérbios. Esses elementos – marcas enunciativas –



identificáveis no interior do enunciado são a enunciação enunciada. Observe-se um exemplo citado por Fiorin:

Quando se diz *A Terra é redonda*, tem-se o enunciador, pois o texto aparece sem as marcas do ato enunciativo. No entanto, quando se afirma *Eu digo que a Terra é redonda*, enuncia-se no enunciado o próprio ato de dizer. Tem-se, então, a enunciação enunciada (FIORIN, 2004, p.162).

Benveniste (2005, p. 280-281) introduz na linguística esta noção de sujeito, pois somente ao produzir um ato de fala – construção linguística particular – ele constitui-se como *eu*, instalando, dessa forma, na linguagem, a subjetividade, definindo as pessoas do discurso.

Eu diz *eu*, estabelecendo uma outra pessoa – o *tu*. Assim, o *eu* existe em contraste ao *tu*, uma vez que instaurada a comunicação, o *eu* somente emprega *eu* dirigindo-se a um *tu*. As pessoas *eu/tu* se caracterizam como categorias de discurso que só ganham plenitude quando assumidas por um falante, na instância discursiva: “A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso” (BENVENISTE, 2005, p. 286) e ao outro como *tu*.

Benveniste (2005, p. 254-255) distingue as duas primeiras pessoas – *eu/tu* – da terceira – *ele* – a partir de duas correlações: a da personalidade, em que se opõem os participantes da enunciação (*eu/tu* – pessoa) e elementos do enunciado (*ele* – não-pessoa); a da subjetividade, em que se contrapõem *eu* (pessoa subjetiva) e *tu* (pessoa não-subjetiva).

A respeito da terceira pessoa, Benveniste argumenta que

É preciso ter no espírito que a “terceira pessoa” é a forma do paradigma verbal (ou pronominal) que não remete a nenhuma pessoa, porque se refere a um objeto colocado fora da alocação. Entretanto existe e só se caracteriza por oposição à pessoa *eu* do locutor que, enunciando-a situa como “não-pessoa”. Esse é seu *status*. (BENVENISTE, 2005, p. 292).

Assim, enquanto *eu* e *tu* são sempre os participantes da comunicação, o *ele* designa qualquer ser ou não designa ser nenhum. A pessoa e não-pessoa devem ser entendidas como posições enunciativas. Benveniste entende que a organização da linguagem permite que cada locutor aproprie-se de toda língua, designando-se como *eu*, sempre num ato novo para aquele que o enuncia, pois o enunciado pode



ser o mesmo, mas a enunciação é sempre diferente. Dessa forma, os pronomes pessoais e toda a série dos dêiticos são signos vazios que só ganham plenitude e significação no ato da enunciação, quando assumidos pelos indivíduos.

[...] em toda língua e a todo o momento, aquele que fala se apropria desse *eu*, este *eu* que, no inventário das formas da língua, não é senão um dado lexical semelhante a qualquer outro, mas que, posto em ação no discurso, aí introduz a presença da pessoa, sem a qual nenhuma linguagem é possível. (BENVENISTE, 2006, p. 68-69).

O ato de dizer é realizado por um *eu* num determinado tempo e num dado espaço. Todos os espaços linguísticos são ordenados a partir do *aqui*, ou seja, o lugar do *eu*. O espaço linguístico, então, é aquele onde se desenrola a cena enunciativa, isto é, não pode ser entendido apenas como espaço físico. Esse espaço é expresso pelos pronomes demonstrativos e por alguns advérbios de lugar. O pronome demonstrativo situa o ser do discurso no espaço, atualizando-o. Essa classe de palavras apresenta, segundo alguns linguistas, as funções de mostrar (dêitica) e de lembrar (anafórica). Os advérbios de lugar têm a função ora de marcar o espaço da cena enunciativa (*aqui, aí, cá*), ora de indicar o espaço fora da cena enunciativa (*ali, lá, acolá*).

A função dêitica é importante porque há a necessidade, ao discursivizar, de singularizar os seres que são referidos, uma vez que não se pode “construir discursos apenas com referência universais.” (FIORIN, 2004, p. 175). Já, a função anafórica retoma, lembrando o que foi dito no discurso, enquanto que a função catafórica anuncia o que será dito, construindo, ambas, mecanismos de coesão textual. Dessa forma, *aqui* é o espaço do *eu*, a partir do qual todos os espaços são ordenados. E, *agora* é o momento em que o *eu* toma a palavra e, a partir dele, toda a temporalidade linguística é organizada.

Benveniste acredita que as formas linguísticas que exprimem o tempo são, de todas as formas linguísticas reveladoras da experiência subjetiva, as mais ricas e também as mais difíceis de serem analisadas, exploradas, pois estão “arraigadas as idéias preestabelecidas, as ilusões do “bom senso”, as armadilhas do psicologismo.” (2006, p.70). O termo tempo admite representações diferentes e a língua conceitua o tempo de modo totalmente diferente da reflexão. O autor defende que todos os tipos de estrutura linguística são compatíveis com a expressão do tempo e



argumenta que existe uma confusão geral, mas natural, entendendo “que o sistema temporal de uma língua reproduz a natureza do tempo “objetivo”, tão forte é a nossa propensão a ver na língua o decalque da realidade” (BENVENISTE, 2006, p. 70).

Afirma que as línguas são divergentes justamente no modo pelo qual elaboram um sistema temporal complexo e oferecem construções diversas do real. Para Benveniste (2006, p. 71), existe um tempo específico da língua, contudo antes de chegar ao nível da expressão linguística, é necessário diferenciar duas noções do tempo: o tempo físico do mundo e o tempo crônico.

O tempo físico do mundo é um contínuo uniforme, infinito, linear, segmentável à vontade. Ele tem por correlato no homem uma duração infinitamente variável que cada indivíduo mede pelo grau de suas emoções e pelo ritmo de sua vida interior.

Do tempo *físico* e de seu correlato *psíquico*, surge a categoria do tempo crônico, que é o tempo dos acontecimentos, que engloba também nossa própria vida, enquanto seqüência de acontecimentos. (BENVENISTE, 2006, p. 71).

Assim, o tempo linguístico, como apresentado por Benveniste (2006, p. 71-80) não deve ser confundido com o tempo cronológico e nem com o tempo físico, pois o tempo linguístico ocorre quando o falante toma a palavra instaurando um *agora*, que é o momento da enunciação.

O momento enunciativo (ME) – *agora* – ordena a categoria da concomitância (presente) X não concomitância (passado – anterior ao presente – e futuro – posterior ao presente), criando três momentos de referência (MR). Outro momento relevante para se determinar o tempo linguístico é o momento do acontecimento (MA), que pode ser concomitante, anterior ou posterior a cada um dos momentos de referência, estabelecidos em função do momento da enunciação (FIORIN, 2004, p. 166-167).

Então, na língua, podem-se diferenciar dois sistemas temporais: o enunciativo e o enuncivo. Este se relaciona aos momentos de referência passado e futuro. Aquele se relaciona ao momento de referência presente. Note-se que a temporalidade linguística é um marcador das relações de sucessividade entre os acontecimentos representados no discurso.



Categorias Enunciativas: discursivização

Os mecanismos com que se instauram no texto pessoas, tempos e espaços são a debreagem e a embreagem (GREIMAS & COURTÈS, 1979, p. 79, apud FIORIN, 2008, p. 43). As projeções da enunciação no enunciado são operações de debreagem, que ocorrem por meio das categorias de pessoa, espaço e tempo, definindo sob esse ponto de vista, a debreagem actancial (*eu/ele*), espacial (*aqui/lá*) e temporal (*agora/então*).

Existem dois tipos de debreagem: a enunciativa e a enunciva. A debreagem enunciativa é a projeção do *eu/aqui/agora* no enunciado, provocando um efeito de sentido de proximidade, subjetividade e parcialidade. Já, a debreagem enunciva é a projeção do *ele/lá/então* no enunciado, provocando um efeito de distanciamento, objetividade e imparcialidade. Fiorin (2004, p.179) esclarece que não existem textos objetivos, pois eles são sempre frutos da objetividade e da visão de mundo de um enunciador. O que há são textos que produzem um efeito de sentido de objetividade.

Ainda, segundo Barros (2002, p. 17-44) as debreagens enunciativa e enunciva são responsáveis, respectivamente, pelos discursos em primeira pessoa, produzindo efeitos de sentido de subjetividade/de parcialidade, porque o *eu* coloca-se no interior do discurso, e em terceira pessoa, produzindo efeitos de sentido de objetividade/de imparcialidade, porque o *eu* ausenta-se do interior do discurso. Portanto, narrar em primeira ou terceira pessoa é uma escolha feita pelo enunciador, com a finalidade de transmitir determinados efeitos de sentido.

Segundo Fiorin, a embreagem é "o efeito de retorno à enunciação, produzido pela neutralização das categorias de pessoa e/ou espaço e/ou tempo, assim como pela denegação da instância do enunciado." (2008, p. 48). Portanto, da mesma forma que a debreagem, a embreagem também comporta as três categorias da enunciação: embreagem actancial (neutralizações na categoria de pessoa), embreagem espacial (neutralizações na categoria de espaço), embreagem temporal (neutralizações na categoria de tempo).

É necessário, ainda, diferenciar embreagem enunciativa e embreagem enunciva. A enunciativa acontecerá quando o termo debreante pode ser tanto enunciativo como enuncivo, porém o embreante será enunciativo. A embreagem



será enunciativa quando o termo deprente for enunciativo ou enuncivo, mas o termo embreante será enuncivo. (FIORIN, 2008, p. 51).

Ao se utilizar, no discurso, uma pessoa por outra, um tempo no lugar de outro, um marcador de espaço por outro, cria-se um complexo jogo que produz efeito de sentido na temporalidade, na espacialidade e nas pessoas do discurso.

Uma proposta de análise

Saudosa maloca

(Adoniram Barbosa)

01. Se o senhor não tá lembrado
02. Dá licença de contar
03. Que ali onde agora está
04. Este adifício arto
05. Era uma casa véia
06. Um palacete assobradado
07. Foi aqui seu moço
08. Que eu, Mato Grosso e o Joca
09. Construimo nossa maloca
10. Mas um dia nós nem pode se alembrá
11. Veio os home com as ferramenta
12. E o dono mandô derrubá
13. Peguemos todas nossas coisas
14. E fumos pro meio da rua
15. Apreciá a demolição
16. Que tristeza que nós sentia
17. Cada táuba que caía
18. Doía no coração
19. Mato Grosso quis gritar
20. Mas por cima eu falei
21. Os home tá co'a razão
22. Nós arranja outro lugar



23. Só se conformemo quando o Joca falou
25. Deus dá o frio conforme o cobertor
26. E hoje nós pega as paia nas grama do jardim
27. E pra esquecer nós cantemos assim:
28. Saudosa maloca, maloca querida
29. Dim dim donde nós passemos
30. Os dias feliz de nossa vida.

Adoniran Barbosa, nascido em Valinhos (1910), como João Rubinato, conhece muito bem as misérias da vida e a rejeição dos que têm de lutar sem medir esforços, incansavelmente, para ter seu talento reconhecido. Mas o resultado da soma das experiências vividas e da observação aguçada de Adoniran proporciona o surgimento de um dos maiores e mais sensíveis intérpretes do país. Não se pode dizer que é um samba de reconhecimento, mas de formação, pois passa a experiência de quem viveu e aprendeu a observar o que, em torno de si, é a vida, principalmente de São Paulo, que canta em seus sambas.

A música "Saudosa maloca", analisada nesse estudo, conta a história de três amigos que construíram uma maloca (casa de pobre) onde antes *Era uma casa vieia / Um palacete assobradado*. (l. 05 e 06). Passado um tempo, a maloca foi destruída: *Veio os home com as ferramenta / E o dono mandô derrubá* (l. 11 e 12).

A história narrada se passa em um lugar, em um espaço indeterminado, mas devido à linguagem da música, o autor e a época (1951) acredita-se ser um lugar qualquer na cidade de São Paulo, em constante progresso, pois no local da maloca construíram um edifício: *Este adifício arto* (l. 04). O *ali*, na linha 3, está empregado com o valor de *aqui* mencionado na linha 7, ocorrendo uma embreagem espacial enunciativa. O *ali* significa *aqui*, pois é o lugar de onde fala a personagem. O uso do pronome *este* (l.04), indicando o espaço da cena enunciativa, presentifica o elemento no espaço: *Este adifício arto*.

As construções linguísticas, explicitadas pela escolha exata do ritmo da fala paulistana faz com que "Saudosa maloca" seja um retrato exato da linguagem popular dos paulistanos da época. E como a linguagem determina o próprio discurso, os tipos humanos que surgem deste discurso representam um dos painéis mais importantes e marcantes da cidadania brasileira: as pessoas são obrigadas a



deixar sua moradia, sem aviso prévio, o que é explicitado nas linhas 10, 11 e 12 (*Mas um dia, nós nem pode se alembrá / Veio os home com as ferramenta / E o dono mandô derrubá*), revelando a tragédia da exclusão social, que subtrai de seus "cidadãos" a dignidade. A constatação dessa tragédia é evidente da linha 13 até a 18 (*Peguemos todas nossas coisas / E fumos pro meio da rua / Apreciá a demolição / Que tristeza que nós sentia / Cada táuba que caía / Doía no coração*).

Mas essa dignidade já foi a tanto tempo roubada dessas pessoas, que eles não conseguem perceber a invasão que estão sofrendo, como se tudo fosse merecido ou vontade divina, o que pode ser comprovado da linha 21 até a 25 (*Os home tá co'a razão / Nós arranja outro lugar / Só se conformemo / Quando o Joca falou / Deus dá o frio conforme o coberto*).

O uso de *senhor* (l.01), indicando respeito, formalidade, ao dirigir-se ao enunciatário, produz um distanciamento em relação à variante linguística popular utilizada pelo enunciador, por Mato Grosso e por Joca (*tá, adifício arto, véia, nós, alembrá, conformemo, cantemos*).

A situação de enunciação presente no texto especifica as pessoas enunciativas, isto é, aquelas que participam do ato de comunicação, o *eu* (enunciador), o *tu* (*senhor, seu moço*) e a pessoa enunciva, aquela que pertence ao domínio do enunciado, ou seja, o *ele* (*os home, o dono*), juntamente com um *nós* exclusivo (*eu + Mato Grosso e o Joca*), em que ao *eu* se juntam *eles*, estabelecido pelo contexto. O *nós* substitui *Mato Grosso, Joca* e o enunciador (linhas 10, 16, 22, 26, 27 e 29).

A enunciação enunciada engloba todos os elementos que remetem a instância da enunciação: alguns substantivos e verbos presentes no texto e carregados de subjetividade, os adjetivos, os advérbios apreciativos, os dêiticos. A presença do locutor no enunciado, recuperada pelos traços linguísticos, mostra o que Benveniste (2005, p. 285-293) chama de subjetividade na linguagem. E o que Benveniste (2006, p. 81-90) nomeia de o aparelho formal da enunciação são todas as projeções de pessoa, espaço e tempo da enunciação no enunciado.

Nas linhas 01 e 02 instala-se o *eu* enunciador no enunciado (debreagem actancial enunciativa) que utiliza o tempo da enunciação (debreagem temporal enunciativa). Assim, os tempos da fala do enunciador estão relacionados a um momento de referência presente: idênticos ao momento da enunciação (*tá, dá, está*



nas linhas 1, 2 e 3). Tem-se, então, a utilização do sistema enunciativo, que indica concomitância em relação ao momento da enunciação, "já que este é o eixo fundamental de ordenação temporal na língua". (FIORIN, 2008, p.146).

No presente texto, os tempos verbais organizam-se em torno do *eu* narrador. Todos os tempos encontrados da linha 4 até o final do texto (com exceção das linhas 10, 21, 22, 25, 26 e 27) centram-se num marco temporal pretérito (*era, foi, construimo, veio, mandô, peguemos, fumos, sentia, caía, doía, quis, falei*). Faz-se, assim, o uso de um dos subsistemas do sistema enuncivo. As formas citadas entre parênteses indicam concomitância pontual ou durativa em relação ao momento de referência pretérito. Tem-se, portanto, uma debreagem temporal enunciva (porque gera tempos do enunciado) de 1º grau (porque depende da voz do narrador).

Nas linhas 07, 09, 11, 12, 13, 14, 19, 20, 23 e 29 tem-se o tempo pretérito perfeito que marca uma relação de anterioridade entre o momento do acontecimento e o momento de referência presente (agora). Em relação a ele, o momento do acontecimento (por exemplo, o verbo *construimo*) é anterior, ou seja, em algum momento anterior ao momento em que o enunciador está contando, Mato Grosso, Joca e o enunciador construíram sua maloca. O pretérito perfeito é o tempo da narração por excelência.

Nas linhas 05, 16, 17 e 18 (*Era uma casa veia / Que tristeza que nós sentia / Cada táuba que caía / Doía no coração.*) ocorre a concomitância do momento do acontecimento em relação ao momento de referência pretérito, sendo utilizado então, o pretérito imperfeito no qual a ação é considerada como inacabada, contínua dentro da continuidade do momento de referência, como algo estático, visto do interior, durante seu desenvolvimento. Os verbos *era* (l. 05), *sentia* (l. 16), *caía* (l. 17) e *doía* (l. 18) remetem ao mesmo momento de referência e não indicam ações ou estados sucessivos, que aludem a momentos de referências subsequentes, compondo uma simultaneidade, que gera um efeito de sentido de estaticidade.

O pretérito imperfeito apresenta, ainda, os fatos como simultâneos, como se formassem um quadro contínuo, vinculados ao mesmo tempo de referência pretérito. Por isso, o pretérito imperfeito foi utilizado para descrever a demolição da maloca, pois é o tempo que melhor atende aos propósitos da descrição.

Ao longo do texto, encontra-se debreagem temporal enunciativa de 1º grau, em que os tempos estão relacionados à voz do narrador. Mas nas linhas 21, 22, 25,



28, 29 e 30 encontra-se a debreagem temporal enunciativa de 2º grau, porque há uma delegação de voz operada pelo narrador (discurso direto), ocorrendo mais de uma instância de tomada da palavra. A debreagem de 2º grau cria um efeito de realidade ou referente, quando, no interior do texto, cede-se a palavra aos interlocutores, em discurso direto, criando-se a ilusão de situação "real" de diálogo e, portanto, produzindo-se um efeito de sentido de verdade, pois parece que o próprio personagem é quem toma a palavra, como comprovado nas linhas 21, 22, 25, 28, 29 e 30: *Os home tá co'a razão / Nós arranja outro lugar / [...] Deus dá o frio conforme o cobertor / [...] Saudosa maloca, maloca querida / Dim dim donde nós passemos / Os dias feliz de nossa vida.*

Os verbos *falei* (l. 20), *falou* (l. 23) e *cantemo* (l. 27), enunciados pelo narrador, indicam uma concomitância em relação a um marco temporal pretérito inscrito no enunciado, o que revela que a fala é anterior ao momento da narração. Porém, certos verbos da fala dos personagens no discurso direto (por exemplo, *tá*, *dá*, nas linhas 21 e 25, respectivamente) ficam no presente, uma vez que a fala dos interlocutores tem seu próprio sistema referencial dêitico. Os tempos da fala dos interlocutores estão relacionados a um momento de referência presente e, assim, idêntico ao momento da enunciação, através da utilização do sistema enunciativo.

No texto em questão, não há dois-pontos, travessão, dois travessões ou aspas que servem para marcar a fronteira entre discurso citante e discurso citado, mas tem-se, antes de cada discurso direto, o verbo introdutório, chamado *verbum dicendi*. Os verbos *falei* (l. 20), *falou* (l. 23) e *cantemo* (l. 27) são considerados verbos introdutórios, verbos de dizer.

Fiorin (2008, p. 51) cita três casos de relações entre momento de referência e momento da enunciação: o presente pontual e o durativo (mencionados anteriormente) e o presente omnitemporal ou gnômico, o qual pode ser visualizado na linha 25 (*Deus dá o frio conforme o cobertor*), pois temos um momento de referência e de acontecimento considerados como ilimitados, uma vez que o presente omnitemporal é "o presente utilizado para enunciar verdades eternas ou que se pretendem como tais. Por isso, é a forma verbal mais utilizada pela ciência, pela religião, pela sabedoria popular (máximas e provérbios)." (FIORIN, 2008, p.151). Ao final do texto, nas linhas 26 a 30, o enunciador, ao fazer a debreagem enunciativa, afasta o que revivera, transformando-o em lembrança, ocorrendo, então,



uma debreagem enunciativa, voltando-se para a vida presente. A debreagem temporal “regatou o tempo das brumas da memória” (FIORIN, 2008, p 50) e recolocou-o lá (maloca) novamente.

Conclusão

Émile Benveniste argumenta, no início do capítulo *A Linguagem e a Experiência Humana* que todas as línguas possuem em comum certas categorias de expressão (espaço e tempo) que correspondem a um modelo constante. Afirma que “as formas que revestem estas categorias são registradas e inventoriadas nas descrições, mas suas funções não aparecem claramente senão quando se as estuda no exercício da linguagem e na produção do discurso” (2006, p.68).

Para Benveniste, as categorias de pessoa, espaço e tempo, pelas quais podemos contemplar a experiência subjetiva dos sujeitos, situados na e pela linguagem, se constituem como “categorias elementares, independentes de toda determinação cultural.” (2006, p.68). Os termos que pertencem às categorias de pessoa, espaço e tempo articulam dois planos distintos: a mensagem e o código. São signos linguísticos, mas elementos concretos também, o que permite a conversão da língua em discurso.

A enunciação é única, não pode ser repetida, uma vez que supõe a realização individual da língua em discurso. E é nessa passagem, segundo Flores, que se dá a semantização da língua. “A enunciação vista desse prisma, é produto de um ato de apropriação da língua pelo locutor, que, a partir do aparelho formal da enunciação, tem como parâmetro um locutor e um alocutário. É a alocação que instaura o outro no emprego da língua.” (FLORES & TEIXEIRA, 2008, p. 35).

A discursivização das categorias enunciativas produz efeitos de sentido no discurso. As escolhas do narrador em projetar-se no enunciado ou alhear-se dele, em tornar os fatos narrados concomitantes, anteriores ou posteriores ao momento da enunciação, em utilizar-se do pretérito com o tempo presente, em enunciar um *eles* sob a forma de um *nós* não são aleatórias. Ao fazer uso da debreagem, a intenção do enunciador parece ser imitar os tempos, os espaços e as pessoas do mundo, mas com a embreagem percebe-se que pessoas, tempos e espaços são



criações da linguagem e não cópias da realidade. É, através desse modo de enunciar que se criam sentidos como aproximação, distanciamento, objetividade, subjetividade, atenuação, irrealidade.

Assim, comprova-se, através da análise da música "Saudosa Maloca" que os sentidos são construídos pelo sujeito no discurso, através da língua, e que a discursivização das categorias enunciativas produz efeitos de sentido, permitindo a conversão da língua em discurso, pois ao usar a língua o sujeito sempre instaura novos sentidos.

Referência

BARROS, Diana L. P. de. Interação em anúncios publicitários. In: PRETI, Dino (org). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas: FFLCH/USP, 2002.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral I**. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

_____. **Problemas de Lingüística Geral II**. Trad. Eduardo Guimarães (*et al.*). 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2008.

_____. **Introdução a Linguística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2004.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à lingüística da enunciação**. São Paulo: Ed. Contexto, 2008.

MPBNET. Disponível em: < <http://www.mpbnet.com.br/musicos/adoniran.barbosa/>>. Acesso em 17 dez. 2009.